

retrato intangível sob(re) paisagem
vivianegazotto.sesidramaturgia
2011

1ª parte da

Ela – Você.

Ele - Seu irmão.

Ela -

Ele - Sou seu irmão.

Ela - Ia dizer que não.

Ela - É possível que meu irmão.
sumiu. assim de repente?

Ele - Não sumi.

Ela - Estava falando da sua foto. Ela estava aqui agora pouco e não está mais.

Ele - Eu estava ai agora pouco
e estou aqui agora.

Ela - Não, eu tenho certeza. Ela estava aqui.

O meu irmão tem 1,70, meio gordinho, pele bem morena, queimado pelo sol devido ao tempo e excessivo processo de soldagem a céu aberto. E você tem olhos claros. Ele escuros. E meu irmão não andaria só de cueca pela casa.

Ele - Sou eu/

Ela - Não.

Estão todos loucos nesta casa. Eu falei com você tem uns dois dias, passeamos por sei lá onde, fomos em sei lá que bar e bebemos e depois treparamos um monte e eu não sabia pra onde ir aquele dia.

Ele - Mas o seu irmão estava lá.

Ela -

Um jornal, na contracapa tem crianças desaparecidas. Sempre tem crianças desaparecidas e agora dizem que tudo está sob controle, e nenhuma criança mais toma chá de sumiço, só de esquecimento. Bem quando procuro meu irmão, ninguém desaparece.

Ele - Porque agora só adultos desaparecem.

Ela - Ele já é adulto. Como passa o/

Ele - Tempo.

Ela - O café. Já amanheceu certamente. O vizinho já passa o café.

Ele - Já o encontrou?

Ela - Onde você se esconderia? Digo, para onde iria quando quisesse fugir de mim?

Ele - Pra baixo do pé de jabuticaba e subiria lá e passaria o dia todo chupando jabuticaba e manga, porque dá manga essa época do ano. E levaria uma máquina fotográfica, porque eu não tenho filmadora e te filmaria sua cara de desespero me procurando, se eu tivesse filmadora, mas eu só tenho máquina fotográfica.

Ela - Embaixo do pé de jabuticaba já procurei.

Ele - Nunca chupamos jabuticabas.

Ela - Não está.

Ele - Porque cresceu.

Ela - Ambos.

O pé de jabuticaba e eu.

Ela - Digita: Procura-se um irmão adulto.

Não está na lista dos desaparecidos.

Criança a gente procura na lista dos desaparecidos

Ele - Mas adultos a gente procura em lugares possíveis.

Ela - Qual o lugar possível de encontrar um adulto?

Ele - Num bar.

Ela - Oh entendo.

Ele - Claro. Tem suco de jabuticaba.

Numa delegacia?

Seu irmão era do tipo que submetia-se a um assalto ou submeteria alguém a ser assaltado?

Ele - Submetia-se.

Ele - Por medo? Ou por honestidade?

Ela - Por medo eu acho.

Ele - Então ele é um bandido.

Ela - Não. Ele se submeteria, ele cederia ao assalto.

Ele - Caso de polícia. Caso perdido.

Ela - Digo por medo porque a gente cede por medo.

Ele - Então procure em outro lugar.

Tenho pena de irmãos que não escolhem os irmãos que tem.

Ela - Dentro da geladeira.

Ele - Por que?

Ela - Porque ele adorava me dar gelo.

Ele - E agora te dá um iceberg.

Ela - 7 anos.

Ele - 7 anos.

Ela - Nenhum e-mail.

Ele - O fiz.

Ela - Era mais seguro ter enviado um sms.

Ele - O fiz.

Ela - Era mais seguro ter telefonado.

Ele - O fiz.

Ela - Era mais seguro ter esperado eu atender.

Ele - O fiz.

Ela - Eu não lembro.

Ele - Era mais seguro você ter gravado a conversa.

Ela - Era mais seguro ter-se enviado pelo correio.

Ele - Eu me enviei.

Ela - Ah. Eu não recebi.

Ele - Que pena.

Ela - Mas que bom que voltou.

Ele - Voltei e trouxe umas frutas pra você. Tenho certeza que são as que você mais gosta.

Ela - Como sabe as que mais gosto?

Ele - Deduzi.

Ela - E como vai o sol aqui?

Ele - Quente.

Ela - Como está a Lua?

Ele - Ainda não conseguiram provar que é um São Jorge e ninguém acredita ser o contrário.

Ela - São Jorge está na Lua.

Ele - É um guerreiro.

Ela - O meu irmão é um guerreiro.

Ele - Que vive na Lua.

Ela - Que sumiu.

2^a parte da

Ela - Eu sou o seu irmão.

Ela -

O meu irmão ele fala empostando a língua mais pra trás da boca o que soa um sotaque de interior, porque ele é do interior. E a minha irmã ela tem o sotaque menos carregado por influência de muita novela que ela assistiu na TV. Daí a gente diz que ela foi deixada

num saco de lixo e que a adotamos. Tomamos a liberdade de dizer “nós a adotamos” porque eu e meu irmão eramos a única família dela. Ela engravidou jovem e foi morar sabe deus onde. Não tivemos notícia dela por um bom tempo e ela nunca toca no assunto e quando toca muda a estação do rádio, não gosta de ouvir sempre a mesma canção. Diz que tudo que é demais enjoa e ela fez amor demais durante a vida dela, tanto que engravidou de novo e de novo e de novo. Eu já não tinha mais nomes na lista dos que eu gostava e quando eu tiver um filho, não saberei como o chamar porque ela já chamou todos os seus filhos dos nomes dos meus.

Ele - E isso te incomoda?

Ela - Não. Sinto que sou mãe deles também. São propriedades minhas, digamos que é como um imóvel que você aluga pra alguém, que cuida desse imóvel pra você durante um longo tempo ou por uma vida inteira, a pessoa se apropria desse imóvel, mas nunca será só dela. Porque um outro dono já ocupou aquele lugar primeiro. O meu irmão ele não era coisa, por isso ele foi embora e nunca mais voltou.

Ele -

E como foi o café da manhã?

Ela - Estava delicioso, você não tem mãos divinas.

Ele - Eu só queria agradar seu paladar.

Sabe, eu nunca fiz um pão com presunto antes. Eu comi sempre fora, dentro da padaria do português, porque toda padaria é de português.

Ela - Pode ser de um italiano.

Ele - Eu quero que essa seja de um português.

Eu nunca fiz um pão com presunto antes. Eu comi sempre fora, dentro da padaria do italiano e eu sentia o sabor do presunto e do pão então pensei “nossa, acho que é só colocar o presunto no meio do pão”.

Ela - E por que não o pão envolto ao presunto?

Ela - Porque não teria lógica.

Ela - Que lógica não teria?

Ele - A cor do que vem fora de um pão com presunto é a cor do pão.

Logo, tem que ser o pão.

Ela - Mas você não sabia fazer pão com presunto.

Ele - Mas iria contra a lógica dos nossos pais.

Ela - A lógica dos nossos pais.

Ele - É. De que uma coisa é uma coisa e outra coisa, outra coisa.

As coisas não tem outro nome.

E nem outro dono.

Ela - A gente se apropria das propriedades alheias e os proprietários gostam. Daí a gente se apropria mais e quando se dá conta a gente está associado, com percentual baixo, mais um pouco a gente já é dono de 75% e mais um pouquinho a gente deixa todo o espaço ocupacional e aí a gente ocupa 100% de tudo. Porque ficam implorando pra que a gente volte.

Ele - A lógica dos nossos pais é que presunto com pão, não seria pão com presunto.

Ela - Mastigado dá tudo na mesma.

A gente acredita nas coisas que aderimos pra vida.

3^a parte da

Ela - Você já procurou...

Ela - Necrotério não, necrotério não, necrotério não.

Ele – Estou ríspido e vou te mandar enxugar essas lágrimas.

Não dói nada, só no início dói um pouco, depois passa. Melhor você se proteger da chuva que está por vir, podemos pegá-la no caminho. Foi só isso que eu falei pra ela.

Ela - E ela nunca mais voltou?

Ele - Não. Nunca mais ela voltou.

Ela - E você chegou a procurá-la?

Ele - Já. Mas não a encontrei, mudou de cidade. Eu até comecei a usar o antigo endereço dela para comprovante de residência meu. Me apropriei disso. O endereço dela era tão bonito, rua marechal... começava assim o nome da rua dela e, eu acho tão bonito marechal.

Ela - Você queria ser um?

Ele - Não. Só acho bonito. Deixo isso para os marechais.

Ela - E ela nunca encontrou uma correspondência tua.

Ele - Sim. Ela encontrou. Mas as informações eram insuficientes para localizá-lo?

Ela - Eu cheguei a ligar pra loja que enviou aquele boleto, mas eles nunca atenderam, fechou ou algo assim ou tudo conspirou pra que nunca o encontrássemos. Minha mãe não sente sua falta, ela nunca foi apegada a você, já o pai. Te amava demais.

Ele - Amava.

Ela - Amém.

Ele - Deus o tenha.

Ela - O teve cedo demais.

Ele - Demais. Demais. Tudo em demasia. Quando é que ele acerta?

Ela - Quando joga panelas quentes na gente.

Ele - Não lembre isso. Só vai machucar.

Ela -

ela era imensamente apegada a todos vocês e por razões de força maior, e a força maior era a do chefe de família, teve que partir, e em segredo até pra ela própria precisou encolher-se até não mais ser identificada no mundo, ou dos vivos ou dos mortos ou daquelas almas que dizem ficar penadas.

Ele -

Não lembre.

Ela - Machucou mais o meu irmão. Deixa eu te contar sobre uma vez.

Uma vez meu irmão ia levantar cedo.

ou levantou cedo,

ou foi tarde?

Ah não,

ah sim,

foi isso mesmo.

Ele levantou tarde. Tarde no ponto de vista do meu pai e meu pai era questionador, então foi ter com ele e questionar por quê levantara tão tarde, meu irmão mexia as mãozinhas assim e tentava se explicar, nem vi a boca dele se mexer, só as mãozinhas, assim e mudo. Meu pai pegou a porta do banheiro e balançou e deu com tudo na testa do meu irmão que carrega a estrela da cicatriz até hoje.

Ele - Ou até ontem?

Ela – ele não fez nenhuma plástica.

Ele - Mas ele pode ter morrido ontem.

Ela - Eu ainda não tinha pensado nisso!

Ele - Viu como é fácil achar alguém, só digitar no google.

Tudo que a gente quer a gente encontra no google.

Mas eu digitei dinheiro e não achei nada.

Ela - Nada tem um preço.

Ele - Tudo tem um preço.

Ela – Se nada tem um preço, tudo que for nada é de se apreciar.

Ele - Veja só. Você apareceu de calcinha e sutiã na minha frente e eu quis você, ai eu te paguei o jantar e você estava tão sexy que mereceu ganhar mais, eu te dei um colar de diamantes e você sorriu e perguntou se eu me importava que você vendesse. Eu disse: não. Paguei um preço. E ai você me deixou ver a sua lingerie, porque calcinha e sutiã toda mulher usa. Mas você não. Trajava roupas tão delicadas e vi nelas a sua delicadeza e você não tinha cartão de crédito e agora tem e você não tinha dinheiro e digitou no google e eu sou seu google e no google tem de tudo.

Ela - Mas ainda não encontrei meu irmão.

Ele - E tudo que a gente paga a gente vira dono.

Ela - Não basta possuir por mero quesito de pronome .
e ainda não encontrei meu irmão.

Ele - Você já pensou em procurar/

Ela - Necrotério não, necrotério não, necrotério não.

Ele - Num programa de televisão.
Jamais imaginei nos encontrarmos assim. Que inusitado.

Ela - Não tem nada de inusitado nisso. Pessoas fazem isso o tempo todo.

Ele - Não somos pessoas.

Ela - É muito bom te encontrar. Deixa eu tocar seu rosto. Tá frio.

Ele - De onde eu venho é muito frio.

Ela - Venho do mesmo lugar que você
e é tão quente.

Ele - Mas foram épocas diferentes.

Ela - Naturalmente.

Em que época você veio?

Ele - Na época em que queriam ainda ter filhos, mas aí veio a crise. E eles decidiram odiar e adiantaram sem querer.
E você?

Ela - Eu na época de Santos Dumont e Carlos de Andrade, de Nelson Rodrigues e Clarice Lispector.

Ele - Muito mais sutil.

Ela - Coisa nenhuma. Veja.

Com a boca toda aberta pro mundo. Captando todo o ar contemporâneo de apegos e doenças. Porque o ar é contemporâneo. Eu não me sentiria aqui, respirando o ar do passado.

Ele - Você teve muito mais. Por isso consegue.
vive no intervalo perfeito
o que se pode chamar de presente.
O intervalo perfeito do ar de hoje e o de amanhã.

Ela - Eu pedi muito mais. Você teve orgulho.

Ele - A mesma mãe que era tua era só dos outros.

Ela - E de você se deixasse ela ser.

Ele - Não queria roubá-la de você.

Ela - Fiquei sem ela.

Ela não cabia mais no meu espaço e eu me apropriei tanto do título dela que, identifiquei a identidade de mim, nela.
Eu me apresento como ela se apresentava nas reuniões de psicodrama do bairro.

Ele - E funciona?

Ela - Tem funcionado.

Ele - Digo. Os vinhos de músicas de caminhoneiro.

Ela - Não os tenho mais.

Ele - Por que não?

Ela - Porque você gostava tanto. Eu precisava me vingar da raiva que estava sentindo de você por me roubar. Eu queria que quando você voltasse algo em você que tivesse ficado estivesse destruído.

Ele - Estamos quites.

Ela - Naturalmente.

5^a parte da

Ela – Dependendo como olhamos as coisas elas pendem a mutação
Tenho medo de ficar vesga por exemplo.
Eu olho muito para as coisas e concentro um olhar em foco que não é necessário. Já me peguei em algumas fotos olhando para o nada. O vazio. Fiquei vesga.

Ele – Você olhou tanto para o nada.
E casou agora.

Quer ter filhos? Porque eu quero se não se importa. Um casamento assim repentinamente, mas tem que ter um futuro meio definido.

Ela - Por que meio?

Ele - Pra gente mudar sem peso na consciência no futuro.

Ela - A gente sabe que sempre muda.

Ele - Sempre muda. E eu disse a você que não prestava.

Ela -

ela -

ela -

ela -

ela -

Ele - Eu só achei uma boceta vermelhinha igual a tua. A culpa é tua. Você me deu essa boceta gostosa e vermelhinha e eu tinha a referencia: vermelhinha é gostosa. Ai você foi ficando descorada e eu queria te encontrar em algum lugar e agora eu te encontrei lá, vermelhinha, magrinha, pequenininha, um morango. E eu me apropriei de você com veemência e estupidez e sarda e com a mesma presença de vermelhidão.

Ela - Você já perdeu minha boceta, agora encontrou
e eu ainda não encontrei meu filho.

Ele - Você parece a minha irmã. Não larga do meu pé. E não para de me procurar. Deixa um pouco eu em paz. Um dia eu entro por essa porta deitado numa mesa fria, mas entro e é o que vai importar. Entrar.

Ela - Não é bem assim.

Ele - E seria bem como?

As coisas começariam com “bem...” e você não saberia o que dizer e gritaria “meu deus, só mais um dia pra eu dizer e olhar pra ele o quanto eu o amo e o quanto eu quero que ele esteja aqui

Ela - E o quanto eu espero que ele nunca queira o que fez.

Não foi inteligente se jogar daquele prédio.

Ele - Eu não morri.

Ela - Matou um monte de gente que imaginou a sua morte. Poluiu a estética da rua com sua teimosia e supremacia.

Você deu aos outros a decisão de cuspir pra você, em cima de você. Acha mesmo que alguém tá preocupado com seu corpo estirado lá embaixo? Acha mesmo que tem o direito de invadir o espaço e se apropriar dos olhos e das noites e das sombras e do medo das pessoas? Acha mesmo que alguém que caga as mesmas merdas que você, que lava a mão como você, que toma o ônibus como você tá preocupado em ouvir a tua estória que é a réplica perfeita da deles?

Ele - Eu te ouço falar sem parar e não consigo mais parar de te bater.

Eu vou embora. Eu não tomo ônibus.

Ela - Eu vou matar algo, dentro de você que não seja você pra você saber como é morrer.

Ele - Não pode matar algo tão vivo. Não tem o direito.

Ela - Tem um monte de coisas que não temos direito, a constituição passa a ser minha e eu decido o que fazer, a consequência será apenas sua.

Ele - Aquela coisa vermelhinha não.

Ela -

Despontei naquele dia com meu pijama e você parecia com meu irmão.

Você se parece ainda meu irmão.

Você parece meu pai

você parece minha mãe

você parece meu cachecol

você parece os sobrinhos que eu dei pra minha irmã

você se apropriou de tudo que eu era dona ou que eu tinha algum título.

Eu me apresento nas reuniões do bairro assim agora. Como ela. E ela não é mais ela. E eu. não quero ser ela.

Ele - Você parece meu amigo que eu jogava futebol, e você quando me dá fica igualzinha ele. Com a camisa do meu time favorito.

6ª festa parte da

Ela - Você já encontrou sua irmã?

Ele - Já.

Ela - E como ela está?

Ele - Descorada.

Ela - Eu a vi hoje em algum lugar.

O que é isso?

Ele - Estou dançando!

Meu corpo é um corpo com tantos corpos, que se movem ao ritmo de notas tão infindáveis, da minha anta antropologia. Meus pés são dão conta de tanto corpo que quero continuar caminhando.

Ela – Isso contagia?

estou completamente contingente das minhas estúpidas ações, de outrora, hoje, só tem hoje ,que é isso... deixa deslizar e aparecer uma bola dentro de você, que seja tão potente, que faça muitos gols e que os gols sejam nozes, pra temperar e enrolar nós mesmos.

Meu seu corpo.

Com a camisa do seu time.

Esparrame terra em cima do que você foi...

tão contundente desse jeito, eu não quero mais passar a sua roupa.

Ele – Que sou eu, se não um homem lapidado por suas aptidões?

Eu não sei passar
de um jovem incompreensível incompreendido
que vive nos seus quarenta anos porque é imaturo ser essencial
lascivo vicio inconfundido
dobradura de minhas alusões
recrutado em vinte mil afazeres

dizem ser só eu vivo essa densa (i)mansidão de garantia interminável intermitente

•

eu tenho medo de ter filhos

quando penso nos meus...
aos pedaços

saco de dormir... eu to com sono e você é um saco de dormir.

No final do corredor nós conseguimos a droga
da cadeira que ela senta, chorou pelo turbilhão de duas delas que passara
viveu quarenta cadeiras de anos.
Invisivelmente pérfida.

O irmão mais velho.

Invariavelmente na latente sacramental.

Ela -

Ele - não quero filhos.

Ela – Contei o que lhe acontecera. Perdeu um amigo hoje, seu adorado amigo. Leva consigo: você com ele e o foco do mundo no coração de empredimento. Dentro daquela carta-puta que chegou na caixa de correio. Vinte e oito nomes novos a instaurar o choro em vinte mães porque oito já esqueceram. Alguns incontáveis descendentes, poucos sobreviventes e nenhum irmão.

Muitas arrobas e nenhum contato. Vinte mil. Tudo de boi.

Não procurou meu irmão.

Ele – Não quero nada com ele.

Ela – Sei que não quer mais filhos. Mas procuremos o nosso?

Ele – Um filho tem que dar orgulho pra um pai.

E ele sentiu muito orgulho porque fui embora.

Ela - Não sabemos de nenhum filho seu. É possível que tenha sido concebido na mesma noite do crime. Montei a criminologia da família. A árvore está imensamente arrependida e me faz desculpá-lo.

Ele – O que são minhas aptidões?

certidão de nascimento 99999999999999999999

7^a parte da

Ela – A única certeza da vida.

Ele – O que é pai e mãe?

Ela – Mãe é de quem vem os filhos.

Ele – Que sou eu?

Ela – Um filho. Eu acho.

Pai filho e espirito-santo
Pai filho e mãe.

Uma Pálida sombra de margaridas

ele - Arrependo-arrebato o mal e o perfeito. e tudo o que me ensinaram.

Eu não seria nada, ai me ensinaram tudo e dentre tudo eu penetrei quem era o nome
santificado.

Eu tenho uma dor.

Ela - O meu ovário.

Dói.

Quando eu durmo, eu sou mãe filha ave-marias fulanas sicranas bentanas, beta e alfa.
Eu matei um sobrinho porque não tinha mais nome pra dá-lo e eu não quis dar o meu.

Necrotério.

8^a parte da

Ela – Proponho um jogo.
Você sobe por lá e eu por cá.

Ele – Isso não é jogo.

Ela - Quantas jabuticabas a gente já comeu?

Ele – é trepação.
Só hoje?

Ela – avidatoda.

Ele - várias.
a vida toda não muitas.

Ele – sobe no meu pescoço. Eu te coloco lá em cima.

Ela –
daqui de cima tudo é muito ridículo e doloroso. Ele fez pra chamar a atenção e eu não pude fazer nada porque cheguei só depois do seu telefonema. E minha mãe morreu de desgosto de mim, não dele que morreu antes. Volto aqui com a mesma cor e textura e sentimentos de quando o procurava. Você não sente saudades de mim? Não sente saudades da sua irmã?

Ele – você a substituiu.

Ela – sobe aqui também.

Ele – o que você me dá se eu fizer.

Ela – uma jabuticaba.

Ele – não vou subir.

Ela – eu te amo.

Ele – o pai e a mãe também se amam.

Ela – mas não nos ama.
Aquela vaca que te fez um bezerrinho tão desmamado. Posso subir no pé de jabuticaba, você sobe comigo, vamos?
Não dá pra ter autonomia e decidir alguma coisa sozinho?

Ele – porque tudo que eu decido sou fraco.

Ela – o pai gritou, pudera. A gente tem se divertido tanto.
E não te encontro. Onde você está? O pai tá chamando.

Ele – sou igual o pai, me esconde quando tenho que decidir.

Ela – e o pai do meu pai era fraco igual o pai dele.

Ele – alguém é forte nesta família?

Ela – já acabou? Quando acaba?

Ele – que foi?

Ela – eu quero voltar pra casa.
vem o inimigo, renda-se, exílio, sol, o guerreiro que vive na lua guerrilhado liderado pelas forças armadas.

Ele – vinte oito nomes!

Ela – e nenhum deles, só o reconhecimento de um amigo que sabia correr e carregara alguns na costa até o refúgio mais próximo e toda a proximidade foi extermínada.

Ele – já se passa o inferno. Daqui a pouco vem o verão.

Ela – e meu marido não vem.

Ele – o irmão dela era um louco. Um guerreiro que vivia na lua e eu só um guerrilhado.
Sem notícias.

Ela – como pode chutar tanto meu pé assim.

Ele – porque você é tão maior.
Vou te devastar!

Ela – sou só uma. E cada um de vocês devastam uma. E só no brasil são mais de noventa milhões.
Me come!

Ele – é pecado.

Ela – me come. Come ela. Está pedindo. Come a jabuticaba.

Ele – é gostoso.

Ela - só aqui à trois.

Ele – me come!

Ela – mas não me mate!

9^a parte da

Ela - No fundo do quintal eu subo no pé de manga, no cair da madrugada e me guardo. Recolho-me às folhagens, peço-lhes por leite. Agachada eu durmo e amanheço. O vizinho ao lado pendura-se no muro e me chama pelo nome, eu não atendo. Com os olhos amarrotados e as pupilas dilatadas eu peço que me deixe em paz. Meu joelho, meu único amigo a quem confidencio não me diz nada. Ela como está? Não me responde. Penso em correr. corro. Encontro uma senhora que me pergunta o que quero. 'Um pouco de água, e se incômodo não for e se assim tiver, um pedaço de pão'. Entro em sua casa, alguns antigos porta-retratos. 'Quem é esse moço do retrato?'. 'Meu filho. Foi pra guerra em 1944. O sorriso dele está congelado. Todo dia te dou bom dia, boa tarde e boa noite e sabe o que ele me faz?'

'Ele sorri.' Responde ela. Eu roubo a foto do retrato e corro fugindo. Chego em casa tem alguém brincando com minha irmã. Ela está mudando as estações do rádio. Tento subir no armário para espiar do buraco que a madeira privilegia com uma fresta. Caio. O barulho assusta a visita que vem em direção ao meu quarto. Um homem, nem velho, nem jovem, mas feio, muito feio, me repreende e bati na minha irmã. Diz que agora, ele não consegue mais. Ele beija a boca dela. Meu estômago embrulha. Vomito sem entender. Ouvimos passos, o homem salta pela janela.

não tem nada mais no quintal.

10^a parte da

Ele – depois da guerra a devastação humana.

Ela – e eu nunca mais encontrei meu irmão.

Ele – devastação humana.

Ela – eu estou morrendo em cada canto do mundo.

Ele – devastação humana.

Ela – você me trai!

Ele – devastação humana.

Ela – ele me quis.

Ele – devastaação humana.

Ela – devastado! Tudo.

vamos enveredar pra encontrar algo ainda no mundo.

Ele – fotografar todos os rostos e encher a contracapa dos jornais. Por que dá manga nesta época do ano.

Ela - não cabe mais pé de jabuticaba em lugar nenhum.

Ele – é só confiar em Deus!

Ela – em quem posso confiar se meu vizinho do lado estuprou a filha dele?

É porque é bairro pobre. Isso acontece porque o homem é pobre. Com rico não. Rico estupra a filha dos outros.

Por isso meu irmão foi embora. O bairro é pobre e ele ficou rico.

Ele – e o bairro era pobre por que?

Ela – porque tudo tem oposto e dono. Se não tem pobre não tem rico. Se não tem dono da nobreza não existe um nobre cheio de pobreza!

Ele – E te incomoda eu ser rico.

Ela – parece meu irmão.

a gente sempre se reúne pra olhar a foto dele na parede.